

Resenhas

ORO, Pedro; STEIL, Carlos; RICKLI, João (orgs.). 2012. *Transnacionalização religiosa. Fluxos e redes*. São Paulo, Terceiro Nome. 202 p.

Sandra Jacqueline Stoll
(UFPR)

Avaliações recentes da dinâmica contemporânea do campo religioso brasileiro têm destacado, em especial, dois movimentos: de um lado, em sintonia com o que ocorre em outros lugares, observa-se uma crescente pluralização religiosa¹; de outro, chama atenção a intensificação do processo de transnacionalização de religiões brasileiras. Este último vem ganhando espaço em publicações das últimas décadas no país, algumas delas produzidas em caráter coletivo, a exemplo da coletânea *Transnacionalização religiosa – fluxos e redes*, resultado de um projeto desenvolvido a partir de 2009 por pesquisadores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Universidade Livre de Amsterdã.

Geograficamente de larga abrangência, os movimentos descritos nesta coletânea em larga medida (embora não exclusivamente) retratam a inserção religiosa brasileira em outros países, especialmente Europa, África e América do Sul. Os (neo)pentecostais predominam dentre os grupos investigados, acompanhando-se em certa medida seu protagonismo no movimento de internacionalização das religiões brasileiras. Dentre as religiões mediúnicas, apenas o espiritismo foi contemplado; as religiões afro-brasileiras, tidas como primeiras a se internacionalizarem, difundindo-se a partir do Rio Grande do Sul pela região do Prata estão ausentes. Complementa a grade cristã da coletânea o catolicismo, retratado em dois artigos a partir das matrizes europeia e norte-americana.

Palavras-chave, lembra Fischer em *Futuros antropológicos*, “portam diferentes registros de significados”. Nessa coletânea isso se aplica, em especial, ao conceito de transnacionalização. Ilustro as nuances dominantes a partir de uma observação de Frigério (2013): esclarece o autor haver uma distinção importante no uso das palavras *transnationalism* e *transnationalization*, a primeira associada à perspectiva norte-americana, ao passo que a segunda remete aos estudos latino-americanos. Afirma Frigério a respeito: “o verbo denota a ação de se deslocar de

um lugar para o outro”, ao passo que o substantivo remete a “uma entidade (analítica), um campo social”. Onde conclui: “Na perspectiva latino-americana se utiliza um verbo porque a ênfase está colocada no deslocamento no contexto das fronteiras: a (ação) da transnacionalização. Já na perspectiva norte-americana o foco se concentra na formação ou constituição de *algo*: um campo social” (Frigério 2013: 18, nota 2). Essas duas perspectivas estão claramente ilustradas nos artigos que compõem a obra em questão. A *noção de rede*, acionada em especial pelo primeiro registro semântico, é utilizada por aqueles preocupados, sobretudo, em analisar as políticas de formação e consolidação de relações de troca e aliança entre instituições, grupos e/ou lideranças religiosas em contextos translocais. Na trama das redes os agentes sociais privilegiados podem ser diversos: alguns autores se concentram nas estratégias de agências institucionais e/ou de agentes institucionalizados, ao passo que outros focalizam o protagonismo de lideranças leigas na construção de relações translocais. Há casos de combinação entre ambos: lideranças leigas podem se tornar elos importantes de uma cadeia de relações institucionalizadas em contextos de transnacionalização religiosa. O impacto destes processos no imaginário religioso é tema recorrente, mas a preocupação com os embates que envolvem a reconfiguração da experiência religiosa em contextos interculturais domina a segunda perspectiva. Em alguns casos o foco se concentra na experiência de leigos – em geral pequenos grupos que agenciam práticas religiosas, acionando respaldo institucional em diferentes graus. A análise nestes casos se concentra nas formas de produzir e representar pertencimentos, tema frequentemente associado a questões ligadas a processos de imigração. Há, porém, quem aborde a questão da perspectiva institucional, o que remete ao caso “clássico” das missões: a questão dominante neste caso consiste em apreender como no bojo do processo de transnacionalização são semantizadas identidades nacionais.

Tomando esses referenciais como baliza de apresentação, passemos às etnografias. Abre a coletânea um artigo de Daniel Alves e Pedro Oro, “O pentecostalismo globalizado das pequenas e médias igrejas: contribuição ao estudo de redes religiosas transnacionais”, artigo que introduz a noção de *rede* como conceito-chave para se pensar processos de transnacionalização religiosa. Seu objeto de análise é um segmento evangélico de pouca repercussão na literatura socioantropológica: trata-se de “pequenos e médios empreendedores” religiosos pentecostais, de origem argentina, cujas carreiras internacionais – basicamente consolidadas na região platina – vêm despontando em Porto Alegre e Montevidéu, onde nos últimos anos consolidaram sua influência. Acionando redes sociais e de sociabilidade via internet, assim como por meio da participação de lideranças religiosas em grandes eventos (conferências internacionais e, em especial, “campanhas massivas” realizadas em locais públicos, em que se destaca a prática da cura), renomados líderes religiosos agenciam, por meio de mediadores locais institucionalizados, o reforço de sua posição política no campo. Observam os autores que esse processo promove o acirramento da competição no campo pentecostal, estimulando renovações não apenas no âmbito de suas práticas, como também da narrativa épica do pentecostalismo, uma vez que a incorporação de outros lugares do mundo, por meio da globalização, implica a redefinição da territorialidade da “batalha espiritual”.

O artigo de Bernardo Lewgoy, “Entre herança européia e hegemonia brasileira: notas sobre o novo kardecismo transnacional”, descreve a internacionalização do espiritismo brasileiro como produto de uma superposição de redes

com projetos distintos. De religião importada (século XIX), o espiritismo se transformou no Brasil em pouco mais de 50 anos na terceira opção religiosa do país. Aqui assumiu características próprias, produzidas em larga medida pela apropriação e reelaboração de uma série de práticas e valores católicos, tendo como figura paradigmática o renomado médium Chico Xavier (Stoll 1999; 2002). Esse espiritismo “de estilo católico” contou com amplo respaldo da Federação Espírita Brasileira, acabando por tornar-se o modelo hegemônico no país. Não é essa a identidade religiosa, porém, segundo Lewgoy, que caracteriza o espiritismo brasileiro contemporâneo de exportação²: outras correntes do universo espírita local, surgidas a partir dos anos 80, assumiram o protagonismo desse processo, destacando-se em especial linhas que à la Gasparetto investem na reinterpretação da doutrina kardecista a partir da incorporação de práticas e valores da chamada “Nova Era”, bem como da “autoajuda”. Distanciando-se do ideário católico – no qual a noção de sofrimento tem centralidade –, essas correntes se caracterizam pelo investimento no “bem-estar” pessoal, traduzido de forma mais ampla na “ética da prosperidade” (Stoll 1999; 2002).

A diáspora espírita brasileira – concentrada na Europa e EUA, mas também presente na Austrália e no Japão –, em larga medida é representada por indivíduos de classe média alta, em sua maioria mulheres, casadas com estrangeiros (: 119). Inseridos por meio de suas lideranças numa rede de agentes institucionalizados (além da Federação Espírita Brasileira, são parceiros a Associação de Médicos Espíritas e o Conselho Espírita Internacional), estes núcleos integram um movimento cujas atividades – palestras, congressos e *workshops* – promovem laços e estimulam a formação de novos núcleos. No bojo desse processo, segundo Lewgoy, ganharam relevância internacional correntes *off-stream* do movimento espírita em território brasileiro: uma delas, de “tendência psicologizante”, tem como líder Divaldo Franco, médium brasileiro renomado, com carreira internacional; a outra, agenciada por associações médico-espíritas, tem por objetivo a “recomposição doutrinária via ênfase na dimensão científica do espiritismo” (: 109), dirigindo seus investimentos proselitistas ao universo acadêmico internacional via associação entre medicina e espiritualidade. Rivais dentro e fora do país, essas duas correntes têm consolidado a presença do espiritismo brasileiro no cenário internacional, renovando debates no universo do chamado “espiritualismo”, que abarca inclusive grupos ligados a outras matrizes.

A pesquisa realizada por Smet, Tedesco e Theije, “Viver nas currutelas pan-amazônicas: consumo conspícuo e religião em garimpos transnacionais”, se situa num espaço liminar da classificação aqui adotada. Tratando da configuração da “cultura da mineração”, caracterizada por um sistema peculiar de regulação local das relações sociais, bem como um estilo de vida marcado pelo “consumo conspícuo”³, os autores tomam como foco de análise a circulação de garimpeiros brasileiros entre o Suriname e a região do Tapajós. A transnacionalização figura aqui, basicamente, como atividade econômica. As igrejas existentes nessa região – pentecostais predominantemente – representam um elemento de tensão, por seus valores morais, ao estilo de vida garimpeiro. A conversão, geralmente associada a processos de fixação territorial, frequentemente está associada a casamento. Mesmo entre os convertidos, porém, a tensão não se resolve de todo: o que ocorre, segundo os autores, é uma acomodação instável entre práticas e valores de dois “sistemas de crenças” – a religião e o “consumo conspícuo”.

Apropriações, inovações, conflitos e ambiguidades envolvendo reconfigurações da experiência religiosa em contextos interculturais constituem o foco dos demais trabalhos. Dois deles tratam de relações entre Brasil e Holanda. “Missionários e imigrantes: alteridade, engajamento e experiência em dois modos distintos de transnacionalização religiosa”, de João Rickli, problematiza a “negociação de alteridades” em projetos missionários, tomando o protestantismo “tradicional” de origem holandesa e as comunidades por este instaladas no Brasil, no sul e sudeste do país, como estudo de caso. Análise de perspectiva diacrônica, esse artigo trata da dinâmica das relações entre “comunidade” e “missão”, chamando atenção para mudanças nos discursos e práticas religiosas de imigrantes e missionário surgidas especialmente a partir dos anos 90 do século passado como resultado do alinhamento político das lideranças religiosas das comunidades imigrantes brasileiras à Teologia da Libertação. A ruptura da hegemonia ideológica do projeto missionário, expressa a partir do confronto de narrativas de pertencimento, traduz, segundo o autor, diferentes maneiras de pensar a experiência da transnacionalização religiosa. O outro artigo, de autoria de Andréa Martins, “Relocalização da religião em contexto transnacional: o caso da Igreja católica de língua portuguesa em Haia, Holanda”, analisa disputas de hegemonia entre imigrantes portugueses e brasileiros surgidas no interior de uma comunidade religiosa católica instalada na capital da Holanda. Criação da diáspora portuguesa nos anos 60, essa comunidade católica funcionou por quase 50 anos de forma relativamente autônoma, sendo que desde 2009, por decisão da Conferência Episcopal Holandesa, as igrejas de imigrantes foram incorporadas à estrutura eclesial local. No bojo desse processo, a composição da comunidade católica portuguesa sofreu significativa mudança com a entrada de novos integrantes, em sua maioria brasileiros recém-imigrados. De acordo com a autora, as duas comunidades imigrantes de língua portuguesa mantêm estreitos laços transnacionais, assim como seus líderes religiosos, repercutindo “diretamente na sociabilidade e religiosidade dos fiéis” (: 152). Como exemplo de conflitos recentes envolvendo disputa de hegemonia, cita um evento realizado no mês de outubro, que reúne as santas representativas de cada “comunidade cultural” – Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e Nossa Senhora de Fátima, cultuada pelos portugueses. Na disputa por suas posições hierárquicas no referido ritual vê a autora um exemplo da dinâmica dos processos de “relocalização”, chamando atenção para dinâmicas específicas de contextos de pluralização de relações transnacionais.

O transnacionalismo religioso Sul-Sul, Brasil-África, é o tema do artigo de Linda van de Kamp, “Pentecostalismo brasileiro, “macumba” e mulheres urbanas em Moçambique”. Pouco investigada, essa rota de transnacionalização religiosa coloca em xeque, segundo a autora, a tese de que processos de globalização são, necessariamente, veículos da modernidade ocidental. O ponto de comunicação entre as duas culturas, segundo a autora, reside na história do tráfico de escravos que liga os dois países, servindo de substrato para a atualização da narrativa épica pentecostal: de acordo com as lideranças religiosas brasileiras, juntamente com os africanos atravessaram o Atlântico “maus espíritos”. Cruzando hoje o oceano no sentido inverso, o pentecostalismo brasileiro se propõe a combater “o mal” em suas raízes. É nesse contexto que a categoria “macumba” – palavra estrangeira em Moçambique –, ganha relevância, constituindo, segundo a autora, ponto nodal de articulação e confronto entre discursos religiosos, culturais e políticos relativos à noção de “civildade”, tema que mobiliza agentes diversos, locais e estrangeiros.

Único trabalho a tratar do tema, o artigo aborda ainda os desafios colocados pela religião pentecostal à cultura local, considerando a questão de gênero.

Por fim, dois artigos que tratam da transnacionalização no interior do catolicismo. Um deles, “Ritual e comunidade: a experiência da peregrinação em Donegal”, de autoria de Judith Kolen, se debruça sobre uma atividade “tradicional”: as peregrinações. Seu artigo chama atenção para o papel metafórico dos deslocamentos espaciais – peregrinações de irlandeses a Lourdes e Fátima – como instrumentos de criação de novos modos de expressão da experiência religiosa. Religião civil, o catolicismo se renova por meio desta prática na medida em que promove “sentimentos e identidade de *“self”*, ao mesmo tempo que, experienciado em contextos plurais de transnacionalização, estimula discursos de “identidade comunitária”. O outro artigo, “Ser carismático e hispânico em San Diego, Califórnia”, de Carlos Steil e Ana Paula P. Walker, trata do catolicismo na sua vertente carismática como prática expressiva de imigrantes hispano-americanos: “o pertencimento a uma igreja étnica, católica e renovadora permite(-lhes) forjar uma prática de pertencimento simultâneo, característico da vida em comunidades transnacionais, em que aspectos de assimilação à cultura euro-americana (coexistem) a laços transnacionais duradouros com as comunidades de origem (Tijuana/México)” (: 159). Sustentam os autores que as práticas sociais e laços simbólicos e imaginários promovidos pela Renovação Carismática Católica (RCC), ao mesmo tempo que resignificam o lugar de Tijuana no imaginário euro-americano, permitem aos adeptos se ressituaem socialmente ao acionarem práticas e narrativas de transformação pessoal centradas na experiência “espiritual e moral” do perdão. Também aqui, como no exemplo anterior, o deslocamento entre fronteiras transnacionais sobressai como prática metafórica.

A polissemia de significados do conceito de transnacionalização aqui apresentada, como se pode observar, acrescenta ao espectro já consolidado várias nuances, tornando sua contribuição um desafio a renovados esforços de sistematização.

Sandra Jacqueline Stoll é Professora Doutora em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

NOTAS

- 1 Como apontam os trabalhos de Oro (*Axé Mercosul. As religiões afro-brasileiras nos países do Prata*. Petrópolis: Vozes) e Alejandro Frigerio (“A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: umbanda e batuque na Argentina”. *Debates do NER* Porto Alegre. Ano 14, n. 23: 15-57, 2013).
- 2 Há quem problematize os termos dessa pluralização, visto que muitas das novas opções estão circunscritas ao campo cristão. Polêmica ilustrada, dentre outros, na coletânea organizada por Faustino Teixeira e Renata Menezes, *Catolicismo plural: dinâmicas do contemporâneo*.
- 3 A internacionalização do espiritismo brasileiro foi pela primeira vez incentivada pela FEB à época de Chico Xavier, que promoveu sua ida aos EUA para realização de eventos mediúnicos, bem como, principalmente, por meio do incentivo à divulgação internacional de suas obras por meio de traduções.
- 4 O termo remete a um estilo consumista de vida que, segundo os autores, remete à reputação dos garimpeiros “de gastar todo o ouro que encontram com bebida alcoólica e prostituição nas *currutelas* – nome dado às pequenas comunidades próximas das minas. Tendo por finalidade *exibição*, esse tipo de consumo é definido como conspícuo. (: 37)